

# EROTISMO EM POÉTICAS AFRO-LATINAS: JOVINA SOUZA E NANCY MOREJÓN

EROTICISM IN AFRO-LATINO POETS: JOVINA SOUZA AND NANCY MOREJÓN

Cristiane Santos de Souza Paixão<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como intento analisar as estratégias utilizadas pelas escritoras afro-brasileira Jovina Souza e afro-cubana Nancy Morejón para construção de discursos sobre o erotismo através de imagens poéticas produzidas no Brasil e em Cuba. Para desenvolvimento desta proposta, privilegiei uma análise embasada em fundamentação teórica interdisciplinar, enfocando os estudos literários, culturais e afrodescendentes. Este trabalho tem como fonte de pesquisa teóricos que discutem sobre a proposta, a saber: bell hooks (2019), Miriam Alves (1995), Mayra Santos-Febres (2005), Florentina Souza (2017), Audre Lorde (2016).

**PALAVRAS-CHAVE:** Erotismo; Escritoras afro-latinas; Jovina Souza; Nancy Morejón.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the strategies used by Afro-Brazilian writers Jovina Souza and Afro-Cuban Nancy Morejón to build discourses on eroticism through poetic images produced in Brazil and Cuba. To develop this proposal, I chose an analysis based on interdisciplinary theoretical foundation, focusing on literary, cultural and Afro-descendant studies. This research is based on the work of researchers that discuss the proposal, namely: bell hooks (2019), Miriam Alves (1995), Mayra Santos-Febres (2005), Florentina Souza (2017), Audre Lorde (2016).

**KEYWORDS:** Eroticism; Afro- latino writers; Jovina Souza; Nancy Morejón.

---

<sup>1</sup>Mestra em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia – Brasil. Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia – Brasil. Professora da Universidade do Estado da Bahia – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4321-8902>. E-mail: [crisjcinfo@hotmail.com](mailto:crisjcinfo@hotmail.com).

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### Meu batismo

[...]

Escolhi lutar pra vencer,

Amar só pra gozar,

Desobedecer pra existir. [...]

(Jovina Souza, 2017, p. 15)

Adentrar nas produções literárias das escritoras Jovina Souza e Nancy Morejón, com intento de analisar as estratégias utilizadas pelas escritoras para construção de discursos sobre o erotismo através de imagens poéticas produzidas no Brasil e em Cuba, é tarefa desta proposta de trabalho. Essas escritoras afro-latinas decidiram, através do sujeito poético feminino, expressar desejos eróticos. Isso acontece a partir de uma escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada, com base na condição de serem mulheres negras, que escolheram “lutar para vencer / amar só para gozar” e “desobedece” cotidianamente “pra existir” (SOUZA, 2017, p. 15).

A escritora negra brasileira Jovina Souza nasceu no estado da Bahia, Brasil. Graduada em Letras Vernáculas, concentrou seus estudos em Literatura brasileira e Teoria Literária. É especialista em Estudos Literários e mestra em Teoria e Crítica da Cultura e da Literatura. Na produção ficcional, transita entre poemas, contos e textos acadêmicos. Para este artigo, elegemos poemas publicados nos livros *O caminho das estações* (2018) e *O amor não está* (2019). Já a escritora negra cubana Nancy Morejón nasceu na cidade de Havana, Cuba. Formou-se bacharel em Artes, através do Instituto de Havana, e em Língua e Literatura Francesa, pela Universidade de Havana. Obteve um doutorado com uma tese sobre o poeta Aimé Césaire. Suas produções literárias giram entre poemas, contos e ensaios acadêmicos. Para este trabalho, selecionamos poemas

publicados na antologia poética *Black Woman and other Poems / Mujer Negra y otros poemas* (2001), que reúne vários de seus títulos literários.

Os textos dessas escritoras abordam uma série de temas, a saber: a condição feminina, identidades, erotismo, memórias, gêneros, sexualidade, dentre outros assuntos. No entanto, no presente texto, elegemos trabalhar com a temática do erotismo, uma vez que se apresenta com bastante veemência em ambas produções literárias. Seja por localização regional ou por sensibilidade diaspórica, as duas poetisas escrevem não apenas em circunstâncias históricas e políticas precisas, mas também abordam o que a intelectual negra Miriam Alves chama de "a especificidade dentro da especificidade" (ALVES, 1995, p. 8). Nesse sentido, ser negra lança uma dupla especificidade de dicção ou dupla luta, tanto na perspectiva étnico racial quanto de gênero na expressão literária erótica.

Assim, o objetivo deste artigo é estudar as poéticas das escritoras Jovina Souza e Nancy Morejón no intuito de analisar como elas constroem discursos eróticos, o que inscreve o corpo e a subjetividade, abrindo uma "gama de tensões e negociações doces e terríveis" (SANTOS-FEBRES, 2005, p. 91). Vale salientar que não se trata apenas de ocupar espaços que historicamente foram dominados por uma elite branca, eurocêntrica, e agenciá-los, mas se trata da compreensão de que os textos literários selecionados, aqui, apontam diferentes estratégias que visam a intervir no campo da representação, sem transformá-las em um *Espectáculo do outro*, para ser consumido pelo olhar colonizador, de que trata Hall (2016).

Stuart Hall, em *Cultura e Representação*, apresenta uma abordagem sobre as formas de representação de negros e negras, ressaltando o que ele denomina de "o espetáculo do outro", e está relacionado à naturalização da diferença. Para esse autor, "a 'naturalização' é, portanto, uma estratégia representacional que visa *fixar* a 'diferença' e, assim, ancorá-la para sempre. É

uma tentativa de deter o inevitável ‘deslindar’ do significado para assegurar o ‘fechamento’ discursivo ou ideológico” (HALL, 2016, p. 171).

A prática de reduzir a imagem da mulher negra à natureza ou naturalizar a “diferença” foi típica dessa política racializada da representação. O autor, ao longo do texto, aponta diferentes estratégias que possibilitam intervir no campo da representação, como, por exemplo, contestar imagens negativas, além de direcionar as práticas representacionais sobre “raça” para um caminho mais positivo. Essas estratégias são elaboradas pelas poetisas negras latinas, e aqui, em específico, destaco as escritoras Jovina Souza e Nancy Morejón.

## **2 EROTISMO NAS POÉTICAS DE JOVINA SOUZA E NANCY MOREJÓN**

Após leituras de produções literárias que tratam sobre o “erotismo”, constatamos que ainda há, por um lado, invisibilidade das produções tanto literárias quanto crítica de mulheres, sobretudo negras. Por outro lado, há certa visibilidade de produções de homens brancos colocando em cena essa temática, e em seus escritos, a mulher, na maioria das vezes, está sempre apresentada como passiva, objeto de desejo do outro e sem ser amada, enquanto o homem, em sua maioria, é representado como sujeito e ativo.

O predomínio desses sujeitos nas letras contribuiu para a construção da sub-representação das mulheres negras nos textos literários, negando-lhes, por exemplo, a vivência do erotismo fora da regra da utilidade. Isso foi pedagogicamente propagado e difundido através dos meios de comunicação de massa e nas artes de modo geral. Dentre as artes, a literatura, em especial, possui um papel importante na construção de seus discursos.

O erotismo, principalmente na literatura afro-feminina, é uma das temáticas ainda pouco estudadas na academia, pois permanece sendo considerada tabu em nossa sociedade, atrelada ao pecado e à imoralidade.

Segundo Branco (2004), o Cristianismo colaborou para que essa visão restrita sobre o erotismo fosse cristalizada no imaginário coletivo, pois, ao estigmatizar nossa sexualidade como pecadora, termina por banir o erotismo das esferas do sagrado e por destituí-los de seu caráter abrangente e totalizador (BRANCO, 2004). Há um perceptível incômodo quando nos manifestamos a respeito do erotismo, uma vez que ainda é visto como ameaça à ordem estabelecida pelas estruturas da sociedade extremamente autoritária, sexista e machista.

Ao refletir sobre os usos do erótico no Caribe em seu texto *Los Usos Del Eros En El Caribe*, Mayra Santos-Febres (2005) fixa em três desses usos, como: o erótico como lugar onde se inscreve a opressão racial, a opressão classista e o erótico como um processo de autoconhecimento e autodefinição. A autora aponta que, às vezes, esses três usos se dão simultaneamente, às vezes em contradição. Chama atenção que talvez haja mais discursos do erótico, mas percebe de maneira insistente a presença desses três, arrebatando as dobradiças do corpo e da palavra no Caribe (SANTOS-FEBRES, 2005). Embora a intelectual Santos-Febres esteja se referindo a Porto Rico, contexto geograficamente diferente do Brasil e de Cuba, nos apropriamos de suas ideias para refletir sobre as expressões eróticas nas produções literárias das poetisas negra brasileira e negra cubana que operam a partir da perspectiva do autoconhecimento e da autodefinição.

Assim, ao reconhecer o poder do erótico em nossas vidas, segundo a escritora negra estadunidense Audre Lorde (2016), isso poderá nos dar a energia para alcançar uma transformação genuína dentro de nosso mundo, ao invés de mera acomodação a uma mudança de personagens no mesmo teatro tedioso. Transgredir o interdito é algo desejado por muitos seres humanos e isso funda a sexualidade humana, a qual se distanciou da mera finalidade reprodutiva.

As práticas relacionadas ao corpo e ao prazer que não estão dentro da regra da utilidade reprodutiva são sempre rotuladas como pecaminosas, consideradas profanas, principalmente quando nós, mulheres negras, nos manifestamos sobre o tema na sociedade extremamente autoritária, sexista e machista. São inúmeros os discursos ligados aos mecanismos de poder presentes na sociedade – político, religioso, científico, literário – que reprimem os desejos da mulher negra. Esses poderes, a princípio, não visam denegar os impulsos, mas, sim, controlar as expressões dos desejos.

Ao discutir sobre esse assunto, Jesus Antônio Durigan (1946) aponta que o atrelamento e subordinação aos valores morais controlam as representações a partir de interesses bem localizados e através de formas sutis, determinando nossa maneira de conceber e vivenciar o erotismo.

Esta temática está presente nas literaturas afro-latinas. Historicamente, o corpo feminino negro foi representado na literatura por homens, brancos e heterossexuais. Sobre ele, criaram-se inúmeros “discursos que não apenas disseram desse corpo, mas que também o constituíram, uma vez que normatizaram padrões, sexualidade, reprodução” (DALCASTAGNÈ, 2014). Esses discursos e representações são marcados pelo preconceito em categorias como gênero, raça e, por vezes, classe, conforme sinaliza Beatriz Nascimento. Para ela “O critério racial constitui-se num mecanismo de seleção, fazendo com que as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, através da discriminação” (NASCIMENTO, 2018, p. 82). A escritora salienta que isso é resquício da escravidão, a qual insiste em negar aos negros, sobretudo às mulheres negras, a experiência de ocuparem lugares de privilégios e de vivenciarem o erotismo fora da regra da utilidade.

No entanto, inúmeras escritoras negras têm se utilizado dessa mesma ferramenta e, ao produzirem textos poéticos eróticos, vivenciam essa experiência erótica e acionam uma representação do erotismo cujas imagens e

sentidos diferem daqueles que circulam em textos literários que foram legitimados como hegemônicos. É o que se apresenta no poema *Discutindo a ex-relação*, da escritora Jovina Souza (2019, p. 16):

### DISCUTINDO A EX-RELAÇÃO

Não me bastou viver contigo.  
Não quis ser resignada,  
preferi não ser uma boa mulher.  
Era pouco ter apenas o seu amor  
confessado.  
Escolhi ser uma mulher ruim, egoísta,  
o inferno da vida dos homens.  
Virei a cabeça, achei melhor não parir  
e aprendi, com primazia, sobre o sexo  
certo,  
das suas fantasias e das minhas.

Depois, tomei gosto pelas novidades da rua,  
por andar empinada no salto, me requebrar,  
ser desejada, também, por outros homens,  
ver as vitrines, sem hora marcada para voltar.  
Para acabar com seu script, fiquei afeita a livros,  
a pensar, a questionar suas verdades-chave  
só para trocar ideias, ser a guia da minha vida,  
ser mais do que, apenas, sua mulher favorita.

De resto, você sabe, eu fui carinhosa, gostosa,  
fritei bifes acebolados, cuidei bem da casa.  
Quando coloquei, no topo, minhas vontades

você preferiu os gritos, o silêncio e os não.

Minha alma, então, saiu, foi boiar no rio  
viver os mistérios das cachoeiras e das nascentes.  
Depois, livre, inteligente, a vadia saiu de casa,  
foi brincar no mar.

O título desse poema, por si, já demonstra uma atitude transgressora, uma vez que há um posicionamento do sujeito poético que sabe lidar com as situações que acontecem no dia a dia e está aberta a discutir a ex-relação. Isso demonstra que a mulher representada no poema é segura de si. A voz poética coloca em cena um debate bastante caro na nossa sociedade, que muitos ainda negligenciam: o machismo. Os atos e discursos de cunho machista foram naturalizados em nossa sociedade e, com isso, a culpa costuma ser imputada à mulher quando ocorrem determinadas violências e até mesmo feminicídios que vitimizam, a todo instante, várias mulheres, sobretudo negras.

De acordo com a edição do *Atlas da Violência* (2019), houve um crescimento dos homicídios femininos no Brasil em 2017, com cerca de 13 assassinatos por dia. Ao todo, 4.936 mulheres foram mortas, o maior número registrado desde 2007. Chama atenção um dos dados apresentados nessa edição que ilustra a desigualdade racial a partir da comparação entre mulheres negras e não negras vítimas de homicídio. É possível constatar que “a taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 4,5% entre 2007 e 2017, já a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 29,9%” (ATLAS..., 2019, p. 38). O crescimento muito superior da violência letal entre mulheres negras em comparação com as não-negras evidencia a enorme dificuldade que o Estado brasileiro tem de garantir a universalidade de suas políticas públicas (ATLAS..., 2019).

O sujeito poético feminino mostra-se cheio de sonhos e não segue o que lhe foi designado socialmente: ser “a mulher recatada e do lar”. Não bastou conviver apenas com seu companheiro e aceitar pacientemente tudo que ele ditava, para assim forjar uma “família feliz”. Não! Ela preferiu não aceitar, “Erguer a voz” (HOOKS, 2019) e decidiu, estrategicamente, ser “ruim, egoísta”, ser considerada “o inferno da vida dos homens”. Esses adjetivos pejorativos são atribuídos às mulheres quando elas decidem apenas ter a liberdade, serem donas de si. Isso, ainda hoje, não é bem visto na sociedade, sobretudo porque as pessoas que estão no poder atualmente têm legitimado discursos machistas, que têm sido reproduzidos e divulgados pedagogicamente através das redes sociais, cinema, literatura, das artes de modo geral.

Sobre isso, discute bell hooks (2019), em seu texto *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Segundo a autora, “a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos”. Para além disso, ela destaca que “é um ato de coragem – e, como tal, representa uma ameaça. Para aqueles que exercem o poder opressivo, aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado.” (HOOKS, 2019, p. 36-37).

O sujeito feminino após virar a cabeça, achou melhor não parir. Não seguiu o ritual que nos é destinado, mesmo antes de nascermos. Após o casamento, há um apelo da sociedade à mulher no sentido de constituir família, ter filhos, para desse modo alcançar uma suposta “completude”. Mas a completude pode estar em outras realizações, como obter êxito na esfera pessoal, profissional, acadêmica, amar e ser amada, portanto, feliz em outras dimensões. Para bell hooks (2015, grifo nosso):

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes

capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; **é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura.**

Nessa perspectiva proposta por hooks, torna-se primordial amar a si mesma. Desse modo, há um script dos homens, uma verdade-chave que o sujeito feminino decidiu romper, assim ela ficou “afeita a livros, / a pensar, a questionar suas verdades-chave / só para trocar ideias”, ser a guia da sua própria vida.

Isso significa ser mais do que, apenas, a mulher favorita do outro. Durante um tempo, o sujeito feminino foi “carinhosa, gostosa, / fritei bifés acebolados, cuidei bem da casa”. Mas ela não quis ser apenas isso, e ao colocar como prioridade suas vontades, seus desejos, tem de retorno “gritos, o silêncio e os não”.

Considero que, nesses versos, há uma atitude transgressora da voz poética, uma vez que ela não só se recusa a aceitar viver em um relacionamento que atenda apenas as expectativas do outro e nega a objetificação do seu corpo, mas também de tornar-se quem ela deseja ser, atender suas próprias expectativas, “[...] viver os mistérios das cachoeiras e das nascentes. / Depois, livre, inteligente, a vadia saiu de casa, / foi brincar no mar”. A poesia erótica de Jovina Souza opera como instrumento de subversão e libertação das repressões às quais as mulheres negras foram sucessivamente submetidas e representadas. É possível constatar isso em outros poemas dela, como:

**P/ TODOMEU.COM**

Sou a fulana da noite iluminada,  
aquela dos seus sonhos homens,

dos seus sonhos ocultos de macho.  
Tirei sua roupa e temperei sua pele  
com beijos e mel, e comi de todo jeito,  
enrosquei-me na sua pélvis, quis mais.

Quando saí dos seus braços,  
seu silêncio me interrogou:  
já vai?

Quando voltei, você estava pronto.  
Tomei seu café, ouvi suas queixas,  
suas lidas...  
enchi minhas mãos com seu corpo,  
prendi você nos meus olhos,  
nas minhas pernas, na minha língua.

E chamei você de minha vida.

Prometi o céu e o mar, mas dei apenas  
o paraíso.  
Ao sair outra vez dos seus braços,  
deixei seu coração a murmurar:  
'sem ela, não vivo'.

(SOUZA, 2017, p. 27).

A voz poética feminina atua como sujeito ativo neste poema e se mostra interessada em satisfazer seus próprios desejos nos sonhos. Segundo Octavio Paz (1994), no ato erótico, intervêm sempre dois ou mais personagens, nunca um. E nesse encontro há um personagem invisível e sempre ativo: a imaginação, o desejo". (PAZ, 1994, p. 16). Assim, esse sonho, essa imaginação do sujeito poético de *P/Todomeu.com* pode ser compreendido a partir das ideias proposta por Paz, uma vez que a imagem do outro está sendo criada e imaginada pela voz

poética feminina. Isso marca a diferença na representação do lugar do sujeito desejante ao desejado, pois, nesse poema, é a mulher quem protagoniza a cena erótica.

Nesse sonho, a voz poética feminina acena para o que a torna feliz. Isso é possível constatar logo na primeira estrofe. Há um ritual para acontecer o ato sexual, quando tira a roupa do seu companheiro, tempera sua pele com “beijos e mel”, e “come” de todo jeito. Não há pudor na relação. Notemos que, apesar de ambos estarem permitindo-se a relação de prazer, é o sujeito poético feminino quem atua como agente no jogo da sedução.

Há, nesses versos, um agenciamento do corpo feminino de que trata Florentina Souza (2017), em *Mulheres negras escritoras*. A autora aponta que essas mulheres investem em um trabalho de ressignificação dos seus corpos. Elas buscam representar seus corpos fora dos enquadramentos racistas, sexistas e da lógica da passividade. Além disso, “apodera-se dos sistemas de representação para se autodefinir, escolhendo os vínculos que lhe permitem falar de si, produzir identidades fora de modelos produzidos por olhares estreitos.” (SOUZA, 2017, p. 32).

O sujeito feminino mostra-se amada, e não usada como objeto sexual. Ela estabelece uma relação para além da regra da utilidade. Ainda nesse sentido, é interessante observar que esse sujeito feminino se envolve nos braços do companheiro, e, ao sair, a ela se dirigem as indagações e murmúrios: “já vai?”. Ao retornar, ele estava pronto e depois de “tomar seu café, ouvi suas queixas, suas lidas [...]”, o sujeito poético o tem novamente, preso em seus olhos, pernas e línguas, e faz declarações e promessas.

Nos poemas da escritora afro-cubana, Nancy Morejón, também despontam sujeitos poéticos femininos que atuam como sujeitos desejantes, inquietantes e que inquietam, como nos versos do poema abaixo:

### **A un muchacho**

Entre la espuma y la marea  
se levanta su espalda  
cuando la tarde ya  
iba cayendo sola.

Tuve sus ojos negros, como hierbas,  
entre las conchas brunas del Pacífico.

Tuve sus labios finos  
como una sal hervida en las arenas.

Tuve, en fin, su barbilla de incienso  
bajo el sol.

Un muchacho del mundo sobre mí  
y los cantares de la Biblia  
modelaron sus piernas, sus tobillos  
y las uvas del sexo  
y los himnos pluviales que ancen de su boca  
envolviéndonos si como a dos nautas  
enlazados al velamen incierto del amor.

Entre sus brazos, vivo.  
Entre sus brazos duros quise morir  
como un ave mojada.  
(MOREJÓN, 2001, p. 72).

Notemos que, no poema acima, a voz feminina se apresenta como agente e não é representado como objeto. Neste poema, há uma exposição do corpo masculino sendo apreciado pelo sujeto poético feminino. "Entre la espuma y la

mareia" é que acontece o momento sexual. A poeta utiliza essa metáfora para potencializar esse encontro sexual.

Há uma descrição do sujeito desejado pela voz feminina, na segunda estrofe, apresentado a partir do elemento comparativo (conectivo) "como": "Tuve sus ojos negros, como hierbas", "Tuve sus labios finos / como una sal hervida en las arenas." e "Tuve, en fin, su barbilla de incenso bajo el sol". Nos versos seguintes, há "Un muchacho del mundo sobre mí / y los cantares de la Biblia". Esses versos remetem a "cantares", e não são quaisquer cantares. Eles aludem ao livro Cantares de Salomão, que integra o Antigo Testamento da Bíblia e se apresenta atravessado de erotismo, sensualidade. Nele, há:

uma coleção de diálogos amorosos entre um homem e uma mulher, nos quais se exaltam a beleza e a paixão. Os judeus interpretaram a obra como a expressão do amor de Deus pelo povo de Israel e, muitos cristãos, a viam como a representação do amor de Deus pela igreja. No entanto, tais visões religiosas acabam por deflagrar contra o político e o erótico – essenciais na leitura deste texto (ANDRADE, 2008).

Nesse livro, além do erotismo, destacamos o protagonismo feminino na voz de Sulamita, assim como nos versos do poema *A un muchacho*. A amada de Salomão expõe com liberdade seu amor e seus desejos sem pudor. Esse livro apresenta imagens e discursos raros nas pautas, no interior das igrejas de matriz cristã, o que pode ser lido como uma rasura na lógica cristã que introjetou, no imaginário coletivo, o sexo como algo pecaminoso e impuro, uma vez que nele o erotismo é representado fora da regra da utilidade. Temos nesses versos uma transgressão e uma relação entre o sagrado e o profano, tendo em vista que Nancy Morejón apresenta essa imagem da tradição ocidental. Isso destitui o caráter profano que a Igreja destinou ao sexo e a passividade destinada à mulher.

Esse poema expõe uma recorrência nos poemas de Nancy Morejón: a centralidade da mulher como sujeito, que não se priva de expressar e de sentir os seus próprios desejos, seu próprio corpo, dona de si. O sujeito poético demonstra liberdade de expressão e deixa explícito o seu desejo nos três últimos versos: "Entre sus brazos, vivo. / Entre sus brazos duros quise morir / como un ave mojada". Notemos, dessa maneira, que existe uma comparação do corpo da mulher "como un ave mojada".

Nesse cenário amoroso, há um ritual para a cena do sexo que pode ser interpretado com um teor erótico, uma vez que ela diz: "modelaron sus piernas, sus tobillos / y las uvas del sexo / y los himnos pluviales que ancen de su boca / envolviéndonos si como a dos nautas / enlazados al velamen incierto del amor". Toda essa movimentação das pernas, tornozelos e boca constrói uma imagem do erótico/excitante. Com base nisso, chama atenção a presença da uva, símbolo de fertilidade, plenitude, prosperidade, associada também às festividades e à alegria.

A atuação transformadora da mulher, segundo Angélica Soares, é indício de outro modo de rompimento da tradição opressiva. A autora sinaliza que:

[...] é comum, na poesia de autoria feminina, na qual se recria a liberação do desejo, a figurização da mulher como sujeito da cena erótica. E isso nos interessa, sobremaneira, por indicar o caráter desconstrutor da representação estereotipada de feminino e masculino, sustentada pelas tecnologias de gênero patriarcais, que reduplicam a percepção essencialista de uma feminilidade e uma masculinidade 'natural' (SOARES, 2000, p. 123).

Sendo assim, a escritora, ao produzir textos poético-eróticos, vivencia a "experiência erótica interior", de que trata George Bataille (2014). É o momento que leva ao autoconhecimento e simultaneamente rompe as paredes

“crisálidas” (BATAILLE, 2014, p. 17). Ao fazer isso, ela aciona uma representação do erotismo cujas imagens e sentidos diferem daqueles que circulam em textos literários que foram legitimados como hegemônicos. É o que se apresenta no poema *El tambor*.

### **El tambor**

Mi cuerpo convoca la llama  
Mi cuerpo convoca los humos  
Mi cuerpo en el desastre  
Como un pájaro blando  
Mi cuerpo como islas.  
Mi cuerpo junto a las catedrales.  
Mi cuerpo en el coral  
Aires los de mi bruma  
Fuego sobre mis aguas.  
Aguas irreversibles  
En los azules de la tierra  
Mi cuerpo en plenilunio  
Mi cuerpo como las codornices  
Mi cuerpo en una pluma  
Mi cuerpo al sacrificio  
Mi cuerpo en la penumbra  
Mi cuerpo en claridad  
Mi cuerpo ingrávido en la luz  
Vuestra, libre, en el arco.  
(MOREJÓN, 2001, p. 113).

O título do poema acima nos oferece inúmeras possibilidades de leitura. O símbolo apresentado nesse poema é mais do que de um simples instrumento musical. Ele é usado em várias culturas e cada uma carrega um significado

especial. O tambor, segundo Mariana Simões (2017, p. 183), “cumpre o papel de comunicação com o sagrado, com os antepassados e, por isso, exige respeito e cuidado em seu tratamento”. É um instrumento bastante representativo também nos rituais da cultura afro-cubana.

O tambor é responsável pela comunicação: fala com o sagrado através do som que ecoa; também marca o diálogo entre os homens. Historicamente, esse diálogo, reprimido em sua fala pelos senhores, era exercitado entre os escravizados através dos sons dos tambores, que poderiam ecoar por quilômetros de distância. A cada som um significado é relacionado. Assim, perpetua-se a função comunicacional do instrumento, conferindo-lhe papel crucial no contexto ritualístico em questão (SIMÕES, 2017, p. 190).

O sujeito feminino apresenta uma inter-relação de dois elementos sagrados para a cultura africana: o tambor e o corpo. O corpo-tambor feminino que provoca o fogo e a fumaça é comparado a um pássaro, que clama por liberdade. Esse corpo-tambor é também ilha, faz referência ao arquipélago cubano e, ao mesmo tempo, ao isolamento, ao momento de solidão necessária, de aproveitar a si mesmo, como a voz poética propõe no verso “Mi cuerpo como islas”.

A repetição da expressão “Meu corpo” é visível ao longo de quase toda a composição poética, como forma de existência e reexistência. Esse corpo pode ser lido como local de inscrição de uma outra episteme não hegemônica, que recria e transmite pelo ambiente de memória, de que trata Leda Martins (2002, p. 72). O sujeito poético evoca o corpo e sua relação com a natureza: “Fuego sobre mis aguas. / Aguas irreversibles / En los azules de la tierra”.

Esse poema apresenta uma recorrência nos poemas de Morejón, ou seja, a mulher enquanto sujeito, que expressa seus próprios desejos, seu próprio corpo, sua sexualidade e é dona de si. É possível constatar isso através da presença do pronome possessivo “Meu” explícitos/reiterado diversas vezes nos

versos do poema, aqui compreendido como agenciamento desse corpo feminino. Esse corpo-tambor está, logo nos primeiros versos, atrelado a um verbo que dá ideia de ação, movimento que opera na produção de conhecimento a partir de uma outra ferramenta analítica.

Os penúltimos versos se constroem a partir de oposições, isto é, de antíteses. Esse corpo está na escuridão x clareza, mas ele leva a luz, e, nos últimos versos, é uma ilha em seu arco, livre de uma narrativa histórica que o aprisiona. Essa narrativa apresentou imagens estereotipadas negativas dos sujeitos negros, sendo ainda hoje pedagogicamente disseminado através de vários veículos de comunicação no intuito de assegurar um padrão de universal:

Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão **a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representa-las como altamente dotadas de sexo**, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. [...] As representações globais das negras nos meios de comunicação de massa contemporâneos continuam a nos identificar como mais sexuais como aberrações primitivas descontroladas (HOOKS, 1995, p. 469, grifo nosso).

Nessa citação, a autora deixa entrever que interessou ao sistema de representação apresentar as mulheres negras “dotadas de sexo” e “de um erotismo primitivo e desenfreado”. Essas representações/imagens foram fixadas no imaginário coletivo através da literatura. No entanto, Nancy Morejón constrói um outro significado para o corpo da mulher negra e ressignifica, a partir da poesia, as conotações negativas associadas ao corpo negro desde a época da escravidão. A poeta renomeia as heranças da colonização com o objetivo de desconstrução desse universal frente aos nossos corpos, nos

devolvendo, assim, a humanidade que nos foi roubada: "Meu corpo sem peso na luz / o seu, livre, no arco".

Conforme sinaliza bell hooks (2019), as mulheres negras têm como desafio “confrontar as velhas representações dolorosas de nossa sexualidade como um fardo que precisamos suportar, imagens que ainda nos assombram no presente”. Além disso, ela sugere que precisamos “criar o espaço de oposição onde nossa sexualidade pode ser nomeada e representada, onde somos sujeitas sexuais – não mais amarradas e acuadas” (HOOKS, 2019, p. 154).

Diante disso, é possível constatar que as produções literárias tanto de Jovina Souza quanto de Nancy Morejón, dos lugares representacionais de onde emergem, propõem outras maneiras de representar o erotismo no corpo feminino negro, promovendo um agenciamento dessas mulheres negras. Apesar do distanciamento geográfico das produções dessas escritoras, várias questões unem suas expressões poéticas diaspóricas, como, por exemplo, a condição feminina, considerando as especificidades e subjetividades de cada uma delas. Em ambos os textos, é possível perceber que essas escritoras vêm (re)construindo novos significados sobre sexualidade, corpo e erotismo. Notemos que, nos poemas, os sujeitos femininos se posicionam com vozes que agenciam suas vidas, sexualidades. Há, nesses poemas, uma subversão do lugar ocupado pela mulher no jogo da sedução que se apresenta na literatura hegemônica.

As imagens eróticas apresentadas em seus textos são mais detalhadas e a voz poética coloca-se em vários momentos como sujeito desejante. Talvez a presença desse tema se explique pela necessidade de marcar um espaço de liberdade de expressão, uma maneira de romper com a ordem social preestabelecida que há séculos quis disciplinar os desejos eróticos sexuais das mulheres, sobretudo negras.

Desse modo, as escritoras forjam vozes poéticas insubmissas, apresentam um enunciador consciente de suas identidades, seus desejos, subjetividades que se constituem através de marcas textuais identitárias, subvertendo o modelo tradicional de representação, contrapondo à imagem erotizada carregada de estereótipos negativos da mulher negra. Elas estabelecem, portanto, estratégias para deslocar as concepções que naturalizam e racializam o sujeito feminino negro. Foram essas estratégias capazes de fazer diferença que nos interessou neste texto, tendo em vista que são capazes de efetuar diferenças e de deslocar as disposições do poder.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Edson Dorneles de. A Bíblia como literatura: violência, poder e erotismo na narrativa sagrada. *Revista Eletrônica de popularização Científica*, São Carlos, out./nov. 2008. Disponível em: [http://www.ufscar.br/linguasagem/edicao03/ensaios\\_biblia.php](http://www.ufscar.br/linguasagem/edicao03/ensaios_biblia.php). Acesso em: 5 jun. 2020.

ALVES, Miriam. Pedacos de mulher (Entrevista). In: MARTINS, Leda Maria; DURHAM, Carolyn; PERES, Phylis; HOWELL, C. (Ed.). *Callaloo*, v. 18, n. 4, 1995. Special Issue: African Brazilian Literature.

ATLAS da Violência 2019. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9406/1/Atlas%20da%20viol%C3%aancia%202019.pdf>. Acesso em: 22 maio 2020.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Tradução de Fernando Scheibe. Porto Alegre: Editora Autêntica, 2014.

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Primeiros Passos, v. 136).

DALCASTAGNÈ, Regina. *A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea*. 2014.

DURIGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e literatura*. São Paulo: Ática, 1946.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOOKS, bell. Intelectuaisnegras. Tradução de Marcos Santarrita. *Revista EstudosFeministas*, v. 3, n. 2, , p. 464-478, 1995.

HOOKS, bell. *Vivendo de Amor*. Tradução de Maísa Mendonça. 2010. Disponível: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-de-genero/4799-vivendo-de-amor>. Acesso em: 20 out. 2015.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LORDE, Audre. *Usos do Erótico: o erótico como poder*. 2016. Disponível: <https://usos-do-erotico-o-erotico-como-poder-audre-lorde/>. Acesso em: 08 maio 2017.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Org.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2002.

MOREJÓN, Nancy. *Black Woman and other Poems / Mujer Negra y otros poemas*. Translated by Jean Andrews. London: Magno Publishing, 2001.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição*. [S.l.]: Filhos da África, 2018.

PAZ, Octavio. *A dupla chama*. Tradução de Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

SANTOS-FEBRES, Mayra. Los usos del eros em el Caribe. In.: SANTOS-FEBRES, Mayra. *Sobre piel e papel*. Puerto Rico: Ediciones Callejón, 2005. p. 82-93.

SIMÕES, Mariana Emiliano. Corpo-tambor: corporalidade negra no reinado mineiro. *Rebento*, São Paulo, n. 6, p. 179-202, maio 2017.

SOARES, Angélica. Vozes femininas da libertação do erotismo: erotismo. *Via atlântica*, n. 4 out. 2000 Disponível: <https://core.ac.uk/download/pdf/268346777.pdf>. Acesso em: 10 nov.2014.

SOUZA, Florentina da Silva. *Mulheres negras escritoras*. Revista Crioula, n. 20, 2017.

SOUZA, Jovina. *O caminho das estações*. Salvador. Ed. Mondrongo, 2018.

SOUZA, Jovina. *O amor não está*. Salvador: Ed. Ominira, 2019.

Recebido em 15/05/2020.

Aceito em 30/07/2020.